



ATA N.º 10/XIII-1º/2021-25

- 1 Aos vinte e cinco dias do mês de abril de dois mil e vinte e dois, pelas 09H00, nas instalações do Auditório Fernando Lopes Graça do Fórum Romeu Correia, em Almada, realizou-se a Sessão Solene da Assembleia Municipal Comemorativa do 48º Aniversário do 25 de Abril de 1974.
- 2 Instalou-se a Mesa constituída pelo Presidente José Joaquim Leitão, pelo 1º Secretário Paulo Viegas e pela 2º Secretária Ana Paula Silva.
- 3 Fez-se a chamada dos/as Senhores/as Deputados Municipais, tendo-se verificado quórum.
- 3.1 Responderam à chamada os seguintes Senhores/as Deputados/as Municipais:

José Joaquim Machado Courinha Leitão (PS); João Luís Serranho Frazão Couvaneiro (PS); Ana Margarida Machado da Silva Lourenço (PS); Daniel Alexandre Teixeira da Silva (PS); Ivan da Costa Gonçalves (PS); Ana Paula Alves da Silva (PS); Sérgio Cantante Faria de Bastos (PS); Henrique Alexandre Margarido de Almeida (PS); Paulo Filipe Pereira Viegas (PS); André Macedo Soares Ferreira (PS); Marta Ferreira Cortez dos Santos (PS); Pedro Miguel Dias Rodrigues Pereira (PS); Ivo Filipe Esteves de Almeida (PS); José Alberto Azevedo Lourenço (CDU); Maria Rita Pereira Peixoto de Magalhães (CDU); Joaquim Estevão Miguel Judas (CDU); João Eduardo Alves de Moura Geraldes (CDU); Ana Luísa Abílio Rodrigues de Carvalho (CDU); Sónia Tchissole Pires da Silva (CDU); Luís Daniel Valverde Jacinto (CDU); Maria Amélia de Jesus Pardal (CDU); António Francisco Salgueiro (PSD); Paula Maria de Oliveira Salvador Dias Coelho Galvão (PSD); Beatriz Leal da Silva Brandão Ferreira (PSD); José António Espírito Santo Rocha (BE); Inês Pezarat Correia Bom (BE); Karim Hassan Quintino (BE); Nuno Alexandre Oliveira Mendes (CHEGA); Margarida Ramires Paulos (PAN); António Pedro Rodrigues do Livramento Maco (CDS-PP); Maria de Assis Beiramar Lopes de Almeida (PS); Sandra Cristina Pereira Mascarenhas Vieira Chaiça (PS); Pedro Miguel de Amorim Matias (PS); José Ricardo Dias Martins (PS); Luís Filipe Almeida Palma (CDU).

- 4 Nos termos e para os efeitos do nº 3, do artigo 40º, do Regimento da Assembleia, registaram-se os seguintes procedimentos:
- 4.1 O Senhor Presidente referiu as comunicações do Senhor Deputado Municipal Bruno Ramos Dias (CDU), do Senhor Deputado Municipal Vasco Ramiro Gonçalves (CDU) e Senhor Deputado Municipal João Pedro Pereira (CHEGA), informando da impossibilidade de estarem presentes.
- 4.1.1 O Senhor Presidente informou ainda o plenário da presença do Senhor Vereador Fernando Cordeiro Cruz em substituição da Senhora Vereadora Joana Mortágua.
- 5 Deu-se início ao período da Ordem do Dia para as intervenções alusivas ao evento, tendo usado da palavra por tempo igual para todos, tal como acordado na conferência de representantes, os/as seguintes Senhores/as Deputados/as Municipais: António Pedro Maco (CDS-PP), Margarida Ramires Paulos (PAN), Nuno Alexandre Mendes (CHEGA), José António Rocha (BE), Paula Maria Galvão (PSD), Maria Rita Magalhães (CDU) e Ivan Costa Gonçalves (PS). Usaram também da palavra o Senhor Presidente da Assembleia Municipal, o Senhor Representante da Associação 25 de Abril Capitão-de-Mar-e-Guerra Alcindo Ferreira da Silva e a Senhora Presidente da Câmara Municipal.
- 5.1 O Senhor Deputado Municipal António Pedro Maco (CDS-PP):

"Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Almada, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhores/as Vereadores/as, convidados, caros almadenses;

Eu carrego hoje na lapela aquele que foi um símbolo de Abril e hoje trago a cor branca que é a cor da Paz, aquela Paz que todos nós andamos à procura e está tão difícil de encontrar pelo mundo.

48 (quarenta e oito) anos nos separam daquele dia em que o povo pôde novamente expressar o seu pensamento em Liberdade sem que fosse olhado de soslaio, sem que fosse difamado, perseguido ou no limite, encarcerado, simplesmente, por manifestar o que pensava



A Liberdade conquistada naquela madrugada deixou às gerações futuras um papel importante no que concerne à defesa a manutenção da Democracia, do pluralismo partidário, do direito de associação e de reunião, do direito de manifestação e de expressão pública das suas vontades, tal como dos demais direitos conquistados ao longo das décadas posteriores ao dia da Revolução.

Primeira nota que deve constar como princípio basilar e fundacional desse dia 25 de Abril de 1974: A Liberdade só tem um dono: o Povo português. A Liberdade é dos portugueses e não deve ser nunca, mas nunca, instrumentalizada com propósitos nem de paternidade nem de chancela, pois sem o povo e contra o povo, jamais se fazem revoluções.

No seguimento da Revolução, era preciso implementar os valores democráticos na sociedade, era preciso corrigir a história e libertar os outros povos, ao mesmo tempo que no horizonte se ambicionava um Portugal desenvolvido, moderno e de oportunidades. Estavam criados como pilar da Liberdade e da Democracia, os três D's:

Primeiro D, Democratizar. Era preciso dar Liberdade ao povo. Liberdade para escolher os seus representantes locais e nacionais alicerçados em eleições livres, sem manipulações, com escolhas de homens e mulheres livres de amarras ao poder dominante e com o desejo de tornar o país numa Democracia, baseada nos valores do personalismo, da liberdade de opinião e nos mais nobres valores imprescindíveis dos direitos humanos,

Assim decorrem de mais 4 décadas de aperfeiçoamento da Liberdade, com altos e baixos, é certo, vencendo sempre a tolerância e o bom senso, em contraponto com a tentativa de restauração de regimes totalitários, dirigistas e castradores, por exemplo, da propriedade privada e do direito próprio da criação de riqueza.

Por outro lado, é preciso estar atento aos Zhirinovsky's e os Jorg's Haider's desta vida, que fomentam um futuro de desconfiança e descrédito das instituições ameaçando as liberdades conquistadas.

Segundo D. Descolonizar. Portugal tem para com os povos irmãos uma responsabilidade acrescida. Se é certo que a dada altura as convulsões levaram a um conflito armado tenebroso com perdas de vidas humanas de ambos os lados, nos dias de hoje, a Colonização e a Descolonização do passado, tem hoje de ser no bom sentido da palavra, uma colonização positiva e alargada de povos fraternos que devem ter como objetivo a entreajuda e a troca de Conhecimento, visando o fortalecimento de laços com a CPLP e onde a nível local a UCCLA - União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa deverá ter um papel reforçado.

Também no que toca à descolonização não podemos nunca esquecer os militares e os antigos combatentes que independentemente da origem nefasta do regime, serviram o estado, muitos deles com a própria vida e que merecem ser plenamente integrados com todos os direitos de qualquer cidadão português. Nesta matéria, também Almada deve-se curvar aos antigos combatentes e prestar-lhes a devida homenagem, tal como foi proposto quer pela Liga, quer na Assembleia Municipal pelo CDS-Partido Popular, a criação de um Memorial aos antigos combatentes portugueses, e que espera ainda a sua concretização.

Terceiro e último D. Desenvolver.

Portugal dos nossos dias, Portugal do Século XXI, não é sem sombra de dúvidas, o Portugal de há oito anos.

O mundo mudou, Portugal também.

A entrada na CEE e hoje em dia na União Europeia, abriu uma janela no primeiro momento, e escancarou uma porta num segundo.

Portugal viu o desenvolvimento a chegar manifestado através da sua economia, numa escola universal e plural, no acesso ao emprego com direitos e garantias, na expansão dos transportes públicos, na redistribuição da riqueza, no acesso ao ensino superior, na melhoria das condições da saúde dos portugueses, nas comunicações e na informação, na Cultura, entre muitos outros sectores sociais e económico que desde do 25 de Abril se foram desenvolvendo com políticas nacionais e com ajudas externas decorrentes das novas conjunturas europeias acordadas entre os membros para impulsionar o desenvolvimento a uma escala equilibrada.





Chegados até aqui, é importante o país não adormecer em líricos discursos ou promessas cheias de retórica quando há médicos de família por colocar, Hospitais com graves carências de material e pessoal auxiliar e médico, quando a fatura do supermercado aumenta e os bens adquiridos diminuem de ano para ano, quando visitar os familiares no interior fica mais caro pois os preços dos combustíveis aumentam freneticamente de semana para semana ou quando 400 euros chegam apenas para partilhar um simples quarto com poucos metros quadrados, pois para arrendar uma casa com esse valor já faz parte da história.

O mesmo se diz no que respeita aos impostos, quando é preciso que o Estado seja mais amigo das famílias e se comporte verdadeiramente com o espírito de abrir e do terceiro D.

Não se deve cair na tentação dos profetas da desgraça que diabolizam tudo e todos. Muito foi feito, muito mesmo. Mas é preciso cuidar para não retroceder e para que os velhos do Restelo não passem disso mesmo enquanto o país se desenvolve e cria oportunidades para todos.

E termino Senhor Presidente com uma frase Pátria do Sol, Terra do Sal, País do Sul, Para Frente Portugal."

5.2 - A Senhora Deputada Municipal Margarida Ramires Paulos (PAN):

"Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhora Presidente da Câmara Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhores/as Vereadores/as, caras e caros almadenses;

Hoje comemoramos a Liberdade num contexto em que voltamos à guerra na Europa. Aquele monstro do sangue, das vidas, que quanto mais come e consome menos se farta. Um contexto em que somos mais uma vez postos à prova. É este o constante repto da democracia, o de sabermos incluir sem rotular, o podermos existir sem destruir a casa onde vivemos, o de vivermos sem que para isso termos de maltratar ou vitimar outros.

Num país onde já se concretizou tanto, no papel, e onde faltam tantos meios para passar do papel à prática. Onde falta a monitorização e fiscalização das Leis aprovadas, para construirmos um mundo mais justo.;

Num país onde as pessoas com deficiência continuam a aguardar a adaptação dos acessos, onde as pessoas LGBT e mais, continuam à espera que os planos saiam da gaveta, onde dois milhões de portuguesas e portugueses vivem em pobreza energética e continuam a morrer de calor ou de frio;

Num país em que pessoas que têm animais são penalizadas com o IVA de 23% para a saúde animal;

Um país onde se continua a normalizar a violência da tauromaquia;

Um país em que milhares de animais vivem aprisionados e acorrentados;

Um país onde os impactos ambientais são ignorados e camuflados com bandeiras verdes.

É este país que perpetua a desigualdades de género no que se refere a diferenças salariais, ao assédio, no acesso à educação e ao emprego, na conciliação entre a vida pessoal, o trabalho, o laser e a família.

É este o país onde as politicas educativas ficam para trás, o mesmo se aplica aos nossos idosos. Não se vive em liberdade quando se continua a usar pessoas com mão de obra descartável, Não se vive em Liberdade quando falta uma verdadeira politica ambiental, e não se vive em liberdade quando se despreza a vida animal e a biodiversidade.

Viver-se-á a liberdade através da educação, sensibilização, consciencialização para a tomada de perspetiva do outro e para a promoção da empatia.

Viver-se-á em liberdade quando se garantir a dignidade a todas as pessoas, a justiça intergeracional, a soberania alimentar energética, a liberdade de todos os seres, humanos e não humanos.

Viver-se-á em liberdade quando preservarmos o bem comum, quando rompermos com todos os preconceitos que aprisionam, quando cada criança e jovem tiver a oportunidade de ser feliz, quando cada animal for tratado com respeito.

Hoje homenageamos todos e todas que têm estado nas lutas pela liberdade, hoje a memória da opressão é lembrada para valorizar a liberdade;



Hoje lutamos pela liberdade que falta conquistar, lutamos pela liberdade e promoção da consciência concêntrica, pois isso significará o bem comum.

Hoje e sempre viva o 25 de Abril, viva a Liberdade."

5.3 – O Senhor Deputado Municipal Nuno Alexandre Mendes (CHEGA):

"Senhor Presidente da Assembleia Municipal, na sua pessoa cumprimento todos/as os/as presentes e todos/as os/as que nos seguem a partir de casa;

Hoje celebramos 48 anos da Revolução de Abril de 1974.

Revolução que trouxe a Portugal o sonho da Liberdade.

Sonho, manchado desde o início, com a tentativa de as forças da extrema esquerda usurparem o poder e implantarem em Portugal uma república socialista à boa maneira soviética.

Recordamos, desses tempos, as perseguições, as prisões sem mandato ou culpa formada, a ilegalização da quase totalidade dos partidos de direita e a impunidade face aos terroristas e usurpadores de poder.

Poderíamos elencar vários nomes, todos eles ligados à esquerda.

A mesma esquerda que acusa de fascismo tudo o que a afronta e que é contrário às suas ideias e ideais.

A mesma esquerda que continua a tentar ocultar às novas gerações, o terrível passado de Abril de 1974 a Novembro de 1975, onde o sonho democrático ia morrendo!

Felizmente tivemos um 25 de Novembro, data que não pode estar desassociada do 25 de Abril, pois foi com este contragolpe que Portugal entrou no verdadeiro caminho para a Democracia.

Democracia esta que hoje em dia, deveria já ter alcançado a sua maturidade, mas tal ainda não aconteceu.

Os que em 1974 perseguiram, prenderam, torturaram e ilegalizaram partidos, têm hoje seguidores, que continuam tão ignóbeis como os do passado.

Apenas mudaram e refinaram as suas práticas.

Prova disso, é a cerca sanitária que fazem ao CHEGA, tentando limitar a ação de um partido democrático e respeitador da Constituição Portuguesa, tão somente porque questiona e trava o sistema que os suporta.

Ao longo destes 48 anos de caminho para a Democracia, alguns dos que se diziam os mais acérrimos defensores da Liberdade democrática de Abril, esqueceram-se do verdadeiro significado da palavra "Democracia", e a importância desta para o povo.

Ao longo dos anos, os Portugueses viram manchados os Princípios e os Valores democráticos, devido à censura e aos ataques sistemáticos a alguns partidos em Portugal.

O 25 de Abril e o 25 de Novembro, trouxeram a todos a continuação do sonho da Liberdade Democrática, aquela que me permite, estar neste palanque, hoje, eleito democraticamente pelo Chega, para celebrar este dia, em representação de tantos Portugueses que não tinham voz.

A Liberdade Democrática é para todos os Portugueses, e não apenas para alguns que se julgam detentores do poder. A democracia consiste no poder e na Liberdade do Povo, na sua autodeterminação, na sua independência, na sua soberania.

A Liberdade conquistada em 25 de abril de 1974 e em novembro de 1975, permite-me falar, dizer o que penso, na defesa dos valores democráticos, mas nunca, nunca esquecendo que os meus adversários políticos têm o direito de defender os seus ideais, desde que, Constitucionais e Democráticos.

Alguns de cravo ao peito esqueceram o que é a Democracia! Não basta ter um cravo ao peito, é preciso ter Liberdade nas palavras e Liberdade nas ações.

O CHEGA defende, e defenderá, a Liberdade Democrática trazida pelo 25 de abril e 25 de Novembro.

Nestas datas, está a génese da criação e do surgimento do CHEGA e da sua ascensão sem precedentes, para uma verdadeira representação do povo português.

A luta pela Liberdade não acabou nem acabará enquanto o CHEGA existir.

Hoje não existe uma censura institucionalizada, mas a censura organizada é uma realidade, numa afronta aos Princípios e Valores de Abril.





A Censura existe e é feita pelos Presidentes de alguns Órgãos, manifestando-se nas não respostas às questões formuladas, atrasando prazos de resposta, impondo regras a seu belo prazer, recusando eleitos de partidos para órgãos públicos.

Foi o que a Esquerda fez com o CHEGA na Assembleia da República e o que faz ao CHEGA na Assembleia Municipal de Almada, negando direitos consagrados e regimentados.

A esta Censura de pessoas e ideias, junta-se ainda a Censura do politicamente correto.

Os portugueses têm medo de dizer o que pensam e o que sentem, pois, a ditadura do politicamente correto persegue-os nas redes sociais, nas televisões, nas rádios, nos jornais.

Vimos artistas que tiveram a ousadia de dizer que apoiavam o CHEGA e logo foram literalmente ostracizados e perseguidos nas redes sociais.

Vemos tantos Portugueses simpatizantes CHEGA a serem perseguidos no seu trabalho.

A Censura mudou a cor do lápis, mas continua a fazer-se sentir.

Não, meus Senhores, a Censura não acabou, agora é feita de cravo ao peito, e ataca vilmente parte da população portuguesa.

Ouvimos, os ditos "donos da liberdade" dizerem que foi um insulto o Presidente da Ucrânia mencionar o 25 de Abril.

A sua adoração à antiga União Soviética, atual Rússia, cegou-os de tal forma, que estes não conseguem sentir o sofrimento do povo ucraniano que foi invadido, morto, violado e torturado.

Os tais "donos da Liberdade" defendem o invasor e criticam o invadido.

Povo esse que continua neste preciso momento a ser bombardeado, torturado e perseguido.

Estes ditos "donos da Liberdade" fizeram o impensável em Democracia: abandonaram o Parlamento Português. Há 48 anos levaram os arquivos da Pide para o Kremlin, há uns tempos entregaram dados de ativistas russos, hoje continuam a ser a voz do kremlin no Parlamento Português e em Almada.

A todos os portugueses dizemos,

Os Eleitos do CHEGA em Almada, no distrito e em todo o Portugal, estarão atentos e serão sempre interventivos para defender os Princípios e os Valores Democráticos de 25 de abril e de 25 de Novembro.

"O preço da liberdade é a eterna vigilância", que começa aqui, no Poder local.

Não posso deixar de agradecer a todos os que lutaram e continuam a lutar pela Liberdade em Portugal, e a todos os que servem e continuam a servir a Pátria aqui e além mar.

Tenho a plena convicção que ainda faltam muitos passos para uma Liberdade completa.

Caminho que juntos teremos que percorrer para deixar um Portugal mais transparente, mais justo, mais democrático para os nossos filhos, para que o sonho que começou em 1143 que é Portugal não desapareça.

Como dizia Pessoa:

"Quem te sagrou criou-te português.

Do mar e nós em ti nos deu sinal.

Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.

Senhor, falta cumprir-se Portugal!"

É este o nosso desígnio: cumprir-se Portugal."

5.3 – O Senhor Deputado Municipal José António Rocha (BE):

"Senhor Presidente da Mesa da Assembleia Municipal, restantes Membros da Mesa, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Vereadores/as, Senhores/as Deputados/as Municipais, Excelentíssimos Senhores/as convidados/as, Senhores/as Munícipes,

Aqui estamos uma vez mais reunidos nesta sessão solene, em liberdade e em democracia a celebrar a Revolução de Abril.

E hoje, dia 25 de Abril de 2022, decorridos 48 anos da revolução, saudamos a ação dos Capitães de Abril que merecem a profunda gratidão do povo português e de todas as forças democráticas e progressistas.



Recordamos e Saudamos também, todas e todos aqueles que com a sua vontade, com o seu vigor e com a sua firmeza, em longos anos de resistência e luta antifascista, regaram com o seu próprio sangue as sementes da liberdade.

Recordamos e saudamos todas e todos aqueles que com a sua dor, a sua angústia e o seu sofrimento deram o seu contributo para que o 25 de Abril de 1974 fosse uma realidade.

Recordamos e saudamos tantas e tantas famílias, que no calor das suas esperanças mil vezes renovadas, nas lágrimas vertidas pela privação da liberdade e pelas torturas impostas por um regime infame e odioso, jamais se deixaram vergar pelos mais ferozes crimes da ditadura e ergueram bem alto a bandeira da liberdade.

Recordamos e saudamos todas e todos aqueles, que com o sacrifício da sua própria vida, se tornaram também eles símbolos bem sólidos e históricos da luta de um povo, pelo fim da ditadura:

Humberto Delgado, Bento Gonçalves, Gabriel Pedro, Alfredo Dinis, Catarina Eufémia, Alfredo Dinis, Cândido Capilé, Militão Ribeiro, padre Max, Maria de Lurdes, José Gregório e tantos, tantos outros.

Temos Memória, recordamos, saudamos, é graças a todas e todos eles que estamos aqui hoje em liberdade, em democracia.

E no Bloco de Esquerda comemoramos esta data sempre desta forma entusiástica e apaixonada.

Celebramos aquela manhã, aquele dia em que, graças à nobre iniciativa dos militares de Abril, o regime fascista caiu, e caiu com todo o seu rol de misérias e sofrimentos para o povo deste país, com as suas torturas, os seus campos de concentração, a sua guerra criminosa e assassina que tantas vidas ceifou.

Aquele dia em que foi derrubado um regime conservador, retrógrado, autoritário, que não permitia o acesso universal à educação, à saúde e à proteção social, e que nos submetia a elevadas taxas de analfabetismo e de mortalidade infantil.

Aquele dia que pôs fim a um regime, que nos impunha uma polícia política repressiva, que perseguia, interrogava e torturava todas e todos aqueles que tivessem a ousadia de contestar as políticas impostas pela ditadura do Estado Novo, e tudo o que se escrevia passava obrigatoriamente pelo crivo e pela censura do Secretariado Nacional de Informação.

Mas saudar o 25 de Abril é sobretudo saber corresponder às amplas exigências democráticas e patrióticas do nosso povo.

É saber estar à altura das transformações revolucionárias a que a queda da ditadura fascista abriu caminho.

É fundamental recordar e preservar as inúmeras conquistas que foram garantidas:

- O Serviço Nacional de Saúde e a assistência médica acessível a todos;
- A democratização da educação e o fim das taxas recorde de analfabetismo;
- A liberdade de expressão;
- O salário mínimo nacional e o subsídio de desemprego;
- -Eleições livres;
- A licença de maternidade e o direito a férias pagas;
- O direito à greve e à manifestação:

São apenas alguns dos exemplos das transformações radicais que o 25 de Abril veio conferir a um Portugal que, até então, era um país incrivelmente atrasado e com uma baixíssima qualidade de vida.

Olhar para aquele passado sombrio com saudosismo só pode significar duas de três coisas: ou se era um daqueles que beneficiava daquele sistema à custa de todos os outros; ou se é alguém que simplesmente





acreditou nas mentiras propagandeadas pelo regime; ou se é um daqueles que não faz a mais pequena ideia do que é viver sob o jugo da tirania fascista.

Importa relembrar a todas e a todos aqueles que de uma forma impensada, precipitada, se deixam levar por esta linguagem hipócrita, autoritária, agressiva, racista, xenófoba, homofóbica, e populista de partidos de extrema direita, que aspiram a um regresso aos tempos do Estado Novo, que o simples facto de estarmos aqui hoje reunidos, pessoas de diferentes origens, etnias, credos, estratos sociais, com uma grande diversidade de pensamentos políticos e visões da sociedade, é uma conquista de Abril.

Que o facto, de termos aqui muitas mulheres a fazer uso da sua cidadania e participar ativamente nos processos políticos, mulheres que hoje têm liberdade para serem o que quiserem ser, para dizerem o que quiserem dizer, sem serem obrigadas a estar confinadas às tarefas domésticas, é indubitavelmente uma conquista de Abril.

Não nos iludimos, sabemos que o 25 de Abril de 1974 não foi desejado por todos. Não estamos todos do mesmo lado, e durante anos aqueles se mantiveram em silêncio, semearam pacientemente o seu regresso, e hoje eles aí estão. Eles aí estão para nos relembrar que a democracia é um processo constante e permanente, que o 25 de Abril foi um dia, um dia muito importante, mas um dia na longa história do movimento democrático progressista.

Este tem de ser o compromisso de quem não se conforma com a injustiça, com as desigualdades, com a pobreza, que repudia qualquer tipo de discriminação e que tem plena consciência que apenas com uma política que defende os direitos sociais, é possível combater a extrema direita.

E termino com uma afirmação que proferi, aqui nesta mesma sala, no dia 25 de Abril de 2019.

A democracia não pode ser vista como um dado adquirido, ela vive-se, ela respira-se, ela pratica-se.

É preciso, pois, continuar a agir e persistir na luta e na defesa intransigente da Democracia.

É preciso continuar a lutar pela liberdade que nos foi tão difícil de conquistar.

E a todos os saudosistas do regime salazarista, nós dizemos hoje e sempre:

Fascismo nunca mais

Viva a Democracia

Viva a Liberdade

Viva o 25 de Abril

5.4 – A Senhora Deputada Municipal Paula Maria Galvão (PSD):

"Senhor Presidente da Mesa, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Vereadores/as, Senhores/as Deputados/as Municipais, Convidados, Munícipes, todos aqueles que nos acompanham neste dia tão especial e aqueles que também não estando presentes nos acompanham por outras formas;

Devo confessar-vos que, antes de vos transmitir as poucas palavras que aqui tenho, hoje de manhã, tentei recordar há 48 anos qual o sentimento que naquele dia todos nós tínhamos. Eu era adolescente, mas já um bocadinho consciente, e na realidade, tentei lembrar-me de qual o sentimento das pessoas, a incógnita, a angustia, a impaciência de ver o resultado da luta dos Capitães de Abril e qual o futuro do nosso país.

Eu creio que todos aqueles que acompanharam este dia no seu decurso, não havia telemóveis, não havia forma de contactarmos, havia um perfeito desconhecimento da realidade, mas acho que é um dia memorável para todos, e ao fim de uma luta bem-sucedida, ganhamos um dos valores mais importantes: a Liberdade.

Por isso, estamos aqui hoje reunidos, primeiro de que tudo, porque na madrugada de 24 para 25 de Abril, teve lugar, levada a cabo pelo Movimento das Forças Armadas, a transformação do nosso país, que colocou fim a um longo período de ditadura que se vivia no nosso país.



Este momento tão significativo, permitiu libertar Portugal da censura, da estagnação, do colonialismo, iniciar um caminho para a Liberdade, para a Democracia e para o Desenvolvimento.

A Revolução deu aos portugueses os direitos e liberdades fundamentais. Por isso, hoje 25 de Abril de 2022, é dia de celebrar.

Afirmou-se a decisão do povo português de defender a independência nacional, de garantir os direitos fundamentais dos cidadãos, de estabelecer os princípios basilares da democracia, de assegurar o primado do Estado de Direito Democrático, no respeito da vontade do povo português, tendo em vista a construção de um país mais livre e mais justo.

Hoje é dia de celebrar o que já alcançamos e de não voltar atrás. É dia de celebrar a maturidade democrática, e o pluralismo político que alcançamos. É dia de celebrar o facto de sermos hoje um país integrado na Europa, aberto ao mundo e solidário com os outros povos.

Abril de 1974, foi há 48 anos, e Liberdade tem sido, terá que ser e será sempre, a palavra de ordem desde então.

Perdoem-me, gosto de lembrar o que a palavra "Liberdade" significa: o direito de qualquer cidadão tem de agir sem coação ou impedimento segundo a sua vontade, desde que dentro dos limites da Lei. É é em nome dessa Liberdade tão dificilmente granjeada, que este discurso hoje me é permitido.

Se outra razão não houvesse, o facto de estar aqui hoje perante todos vós, a expressar livremente a minha opinião, é motivo da maior honra, mas também acima de tudo de maior responsabilidade. Porque falar de Liberdade quase 50 anos depois do 25 de Abril, não pode ser encher a boca com uma série de lugares comuns nem de ideias feitas, isso é precisamente o inverso da Liberdade e uma afronta ao seu exercício. Para exercermos plenamente a nossa Liberdade, devemos ser conscientes de defender aquilo em que acreditamos, como eu dizia há pouco, agir de acordo com a Lei, mas respeitando a Liberdade dos outros, e sempre, sempre, mas sempre, segundo a nossa vontade.

Esse é um desafio a que todos os cidadãos, homens e mulheres livres, devem responder todos os dias, mas no qual nós detentores de cargos políticos, sejam eles mais ou menos importantes na hierarquia do Estado, temos também a nossa grande cota parte de responsabilidade.

O pluralismo é importante em democracia, o confronto entre várias opiniões e diferentes modelos, deverá ser um motor de desenvolvimento e de reforço dessa democracia. E cada partido politico defende aquilo em que acredita da forma que entender mais adequada, mas, porém, nunca desrespeitando os valores referidos.

Ao Partido Social Democrata e a mim pelo qual fui eleita, compete sempre defender, não só aqueles que votaram em nós, mas todos aqueles que queremos que nos acompanhem. E não só, isso é dizer não ao populismo venha ele da esquerda ou da direita. Respeitamos todos, mas sabemos dizer não, porque sabemos que temos aqui que dar um exemplo, abrindo caminho para uma sociedade dentro dos valores da social democracia.

Dizemos não a todos aqueles que exercem a sua atividade politica com discursos demagogos, que visam acicatar ânimos, virar uns contra os outros, numa espécie de dividir para reinar, em que no final, até podem ganhar alguns votos, mas perdem no cumprimento da vossa missão maior, a de exercerem o poder politico em nome do povo, significado original da palavra "Democracia"

O PSD é um partido personalista acima de tudo, mas um personalista não é um individualista e, portanto, nunca esquece a sociedade que o rodeia, nem a liberdade dos outros que não é nem mais nem menos importante que a sua.

É com isto em mente que queremos deixar estas nossa mensagem nesta Assembleia Municipal, e daqui para todos os almadenses, pois é essa a principal função dessa casa.

Os valores da Revolução de Abril, não se esgotaram em 1974, não se esgotaram em 1975, e não se esgotam certamente em 2022, nem no futuro. Os valores da Liberdade, da Democracia e do Desenvolvimento, estão sempre presentes na nossa ação, porque é para isso que nos elegeram e é para isso que podem sempre conta connosco. Sempre.





Viva a Liberdade

Viva Almada

Viva Portugal."

5.5 - A Senhora Deputada Municipal Maria Rita Magalhães (CDU):

"Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhora Presidente da Câmara Municipal e demais Eleitos, Senhor Capitão de Mar-e-Guerra Alcindo Ferreira Martins Representante da Associação 25 de Abril, Senhores/as Convidados, Almadenses;

A Revolução de Abril libertou Portugal de quase meio século de ditadura. Ditadura militar de 1926 a 1933. Depois com Salazar ditadura fascista. Foram suprimidas as liberdades mais elementares. Foi imposta a censura à imprensa. Foi reprimida violentamente qualquer oposição. Foi criada a polícia política (PIDE/DGS) para perseguir, prender, torturar, assassinar com torturas ou a tiro. Foram criados tribunais especiais condenando a mando da PIDE. Democratas foram mantidos com condenação ou sem ela longos anos nas prisões, atingindo em alguns casos mais de 20 anos.

A revolução de Abril foi uma revolução libertadora, com tão profunda transformação na vida nacional que se pode considerar um dos mais altos momentos da vida e da história do povo português e de Portugal – a revolução foi, no seu desabrochar imediato, uma explosão de liberdade, é certo, mas que não perduraria se, de imediato nuns casos, noutros a breve trecho, não imprimisse em todos os demais aspetos da vida a marca que lhe garantiu e garante sustentação.

Às operações programadas e depois executadas, na madrugada, pelos Capitães de Abril e que desarmaram o regime opressor, associou-se a manhã de ruas e praças de gente, pessoas que ali e então se sentiram verdadeiramente cidadãos, com o poder efetivo de mudar o rumo do seu País.

E, gritando, exprimiram livremente o que pensavam.

Liberdade de pensamento e de expressão sim, mas também liberdade de organização e de luta. Luta por mais pão, luta por saúde, educação e justiça para todos. Com avanços e recuos, melhores ou piores resultados, mas sempre em confronto com as ideias e as práticas do passado e quase sempre em rutura total com elas.

Assim, comemorar Abril exige afirmar o que a Revolução representa e expressa enquanto processo libertador com profundas transformações na sociedade portuguesa e um dos mais altos momentos da vida e da história do povo português e de Portugal.

Comemorações em que é imperativo não deixar submergir o que ela foi e representou na avalanche interpretativa dos que lhe negam a sua natureza, alcance e características ímpares. Celebrar Abril é evidenciar o que foi o fascismo e combater o seu branqueamento, é destacar a luta antifascista, pela liberdade e a democracia. Celebrar Abril é assinalar o seu sentido transformador e revolucionário, não rasurar a memória coletiva que o envolve, afirmar o caminho que o tornou possível, rejeitar as perversões e falsificações históricas, denunciar os que o invocam para o amputar do seu sentido mais profundo, sublinhar o que constitui hoje de valores e referências para um Portugal desenvolvido e soberano que décadas de política de direita têm contrariado.

Por mais que reescrevam, Abril foi uma revolução, não uma "evolução" ou "transição" entre regimes, um momento e um processo de rutura com o regime fascista, o derrube do fascismo e do que o suportava.

Abril foi possível porque é fruto de uma longa resistência antifascista, de uma abnegada dedicação à luta pela democracia e liberdade de comunistas e de outros democratas, de uma intensa luta de massas da classe operária, da juventude, do povo.

Comemorar Abril, é também assinalar e afirmar o Poder Local democrático como uma das suas conquistas.

Foi pela ação revolucionária e transformadora das populações que o aparelho fascista de administração local foi substituído por órgãos de poder provisórios, legitimados pelas populações, e, consequentemente, se desenhou um poder autónomo novo que veio a merecer consagração na Constituição da República.

Comemorar Abril é defender e valorizar o poder local hoje ameaçado, pelo subfinanciamento, pela sua descaracterização por via da transferência de encargos, pela ingerência tutelar, pela instrumentalização que o reconduz, em parte, a mero executor técnico das opções de terceiros.



Comemorar Abril é exigir que se cumpra a Constituição e o que ela consagra e determina quanto à criação de regiões administrativas completando assim o edifício do poder local com o nível regional a par dos municípios e freguesias que está por cumprir.

Comemorar Abril é devolver ao povo as freguesias liquidadas contra a sua vontade, repondo a proximidade, participação e representatividade que elas materializam.

O Poder Local Democrático continua vivo e com energia bastante para resistir e se regenerar se essa for a vontade dos que, nos seus órgãos, se dedicam à causa pública e se souberem juntar-lhe as mil vontades dos cidadãos que representam.

Por tudo isto, o 25 de Abril que comemoramos, não é um mero acontecimento passado que lembremos, mas um grande feito histórico que mantém marcas profundas na vida presente e contem experiências e valores indispensáveis para o futuro de Portugal.

Viva o 25 de Abril!

5.6 – O Senhor Deputado Municipal Ivan Gonçalves (PS):

"Senhor Presidente, Caros Eleitos, Caros Convidados, Caros Almadenses;

Celebrar o 25 de Abril, é celebrar o Portugal moderno, livre, democrático, aberto à Europa e ao Mundo.

Há pouco mais de um mês atingimos a data histórica em que a longevidade da democracia ou da Liberdade ultrapassou a da ditadura.

17.500 (dezassete mil e quinhentos) dias, hoje 48 anos. Ao longo destas décadas Portugal mudou e mudou para melhor. Já aqui foram referidas algumas dessas mudanças. Mas a maior conquista destas quase cinco décadas, é sem dúvida a Liberdade. Liberdade que é sempre condicionada à circunstancia, um conceito disputável e como preconizava Berlin pode dividir nas liberdades positivas e negativas.

As liberdades positivas, o estar livre para efetiva capacidade de realização de todo o seu potencial, que no nosso entendimento, no entendimento da esquerda democrática, só pode ser atingido com um Estado presente, regulador das assimetrias, que seja capaz de proporcionar igualdade de oportunidades.

Mas foquemo-nos também nas liberdades negativas. No estar livre de coerção, no estar livre de coerção externa para vivermos as nossas vidas com o direito de fazermos as nossas escolhas.

A liberdade de expressão, a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião, a liberdade de pensar, a liberdade de criticar, a liberdade de votar numa democracia plural ou a liberdade para cada um poder defender a ideologia que quiser, desde que esta não promova o ódio ou procure supressão de direitos básicos de outros seres humanos.

Todas estas liberdades de que regozijamos em Portugal, sem muitas vezes nos darmos conta que somos uma minoria num mundo de quase oito mil milhões de pessoas.

Todas estas liberdades, que não eram inevitáveis, que foram construídas após o 25 de Abril, e que damos muitas vezes como adquiridas e imutáveis, quando a história está repleta de exemplos que nos dizem o contrário. E o tempo que vivemos é por isso mesmo absolutamente desafiante.

O modelo após a 2ª Guerra Mundial, assente na moderação, na democracia, na liberdade e na proteção social, foi capaz de garantir a Paz e níveis de prosperidade inigualáveis na história da humanidade.

Mais recentemente o aprofundar da globalização que contribui para retirar milhões de pessoas da pobreza, nos países mais pobres do mundo, mostrou-se incapaz de responder às expetativas da generalidade das classes médias dos países tradicionalmente considerados primeiro mundo, agudizando as desigualdades dentro das nossas sociedades. Em paralelo e beneficiando disso, o vírus do populismo vai crescendo e minando a confiança dos povos nas suas instituições.

A polarização aumenta, criando sistemas de intercomunicabilidade e de intolerância. Mudar o sistema tornouse um mantra para quem vende a ilusão de soluções fáceis para problemas complexos. Trump, Le Pen, Salvini,





Orbán, Abascal e o nossos pequenos Venturas, são todos filhos dessa mesma luta. Todos rostos do neofascismo que procura tomar o poder através do voto, aproveitando os sentimentos mais básicos dos homens, os seus medos, as suas fraquezas, as suas dúvidas perante o outro e as suas inquietações.

Todos uteis à estratégia daqueles que não acreditam na democracia, que não acreditam na liberdade enquanto base de uma sociedade bem-sucedida, que não acreditam na convivência pacifica entre nações e povos e que esperam ver as democracias do mundo desagregarem-se por dentro.

A verdadeira Liberdade só existe com a tolerância, com a empatia e com o respeito pelo próximo independentemente da sua ascendência, género, etnia, linguagem, território de origem, religião, instrução, situação económica, condição social, ou orientação sexual. A tolerância e o ódio, a história demonstram, conduzem invariavelmente à guerra, à destruição e à morte.

Senhor Presidente, caros Eleitos,

A Portugal Abril trouxe também a Paz, o fim de uma guerra que marcou mais do que uma geração. É por isso importante que hoje recordemos aqueles que sofrem pela falta de Liberdade, pela opressão ou pela Guerra. Em particular o povo ucraniano aqui tão perto, cujo o futuro está sequestrado, que vê as suas casas, as suas escolas, os seus hospitais a serem destruídos, vitima de verdadeiros crimes de guerra que relembram um passado a que a Europa não quer regressar.

A Ucrânia cujo o país, cujo o povo, por diversas vezes já demonstrou a vontade de ser livre, de pertencer a uma comunidade de países e de valores democráticos, onde cada um tem o direito à sua individualidade e que está a ser vitima, ou aliás, mais uma vitima, do regime de Vladimir Putin e do seu poder autocrático, imperialista, xenófobo, belicista, rodeado e sustentado por forças de cariz nacionalista, que mata, tortura, viola e massacra quem se atravessa no seu caminho.

A Liberdade que hoje gozamos e da qual os cidadãos russos não beneficiam, permitiu à generalidade das opiniões públicas demonstrar o mais profundo repúdio por esta invasão.

As nossas instituições têm sido fieis à Constituição da República Portuguesa, que no seu artigo 7º, preconiza que Portugal reconhece o direito dos povos à autodeterminação e independência e ao desenvolvimento bem como o direito à insurreição contra todas as formas de insurreição.

Estamos por isso, do lado certo da história. Do lado do agredido, que na sua resistência homenageia todos aqueles que em Portugal resistiram à longa noite fascista e todos aqueles que lutaram contra as forças nazis na 2ª Guerra Mundial, pela Paz que, hoje como nesse tempo, só existirá caso o agressor a ela seja forçado.

Neste contexto, a glória da Ucrânia e a vitória dos ucranianos é a nossa vitória. De todos aqueles que amam a Liberdade e que a colocam acima de qualquer disputa programática. A solidariedade é por isso um dever moral e um ato de humanidade.

Solidariedade que se expressa no acolhimento sem reservas de todos aqueles que fogem desta guerra, como todos aqueles que fogem de todas as guerras, seja em que parte do mundo for, mas que se expressa também nas consequências da aplicação de sanções económicas à Rússia e aos seus aliados, que invariavelmente se refletem e refletirão no bolso de todos nós.

Os próximos tempos que serão marcados pela crise inflacionista, pela crise energética, pela crise climática, serão não tenhamos dúvidas, aproveitados de forma desprezível pelos inimigos da democracia para obter ganhos políticos.

E lembremo-nos, não há nenhum sistema politico democrático que consiga ser perene se não for capaz de dar resposta às aspirações do seu povo.

Cabe por isso, aos poderes públicos estar à altura do tempo que vivemos e não deixar que estas previsíveis crises se transformem em crises sociais.



Do Estado Central e das Autarquias Locais, é esperado que não se limitem a uma visão burocrática dos mandatos, que não comprometam as contas certas, mas que assegurem também, que os recursos existentes são colocados ao serviço da construção de uma forte rede de proteção social, que num tempo tão critico, não deixe ninguém para trás.

Mas também, que os efeitos da perda do poder de compra sejam mitigados e que um horizonte de esperança numa vida digna, plenamente realizada e de aspirações concretizadas, a tal Liberdade positiva, seja possível na nossa comunidade.

Empenhemo-nos por isso, em estar ao lado das aspirações desta imensa maioria, que com o poder do voto nos escolheu como seus representantes, porque só dessa forma podemos proteger a democracia, honrar Abril e todos aqueles que tanto deram para que aqui pudéssemos estar hoje.

Viva o 25 de Abril

Viva Almada

Viva Portugal."

5.7 - O Senhor Presidente da Assembleia Municipal:

"Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal de Almada, Senhores/as Vereadores/as, Senhor Representante da Associação 25 de Abril – Capitão de Mar-e-Guerra Alcindo Ferreira da Silva, que nos honra com a sua presença, excelentíssimos convidados presentes, Munícipes que nos seguem aqui e em casa através da Internet;

Permitam-me que, tal como fiz tantas vezes em anos anteriores, inicie esta intervenção, na sessão solene comemorativa do 48.º aniversário do 25 de Abril, recordando e homenageando os Capitães de Abril que, interpretando os superiores interesses do povo, derrubaram o regime fascista que durante 48 anos oprimiu o país.

Nunca lhes seremos suficientemente gratos.

Parafraseando Sophia de Mello Breyner Andresen, essa foi a madrugada que esperávamos, o dia inicial inteiro e limpo, onde emergimos da noite e do silêncio.

Passados 48 anos, os portugueses interrogam-se sobre a herança de abril.

Será que a liberdade está consolidada?

Será que a democracia está garantida?

A liberdade e a democracia não são algo que nasça connosco. São conceitos culturais e construções sociais, que herdámos dos que nos antecederam, que lutaram durante gerações, com esforço e sacrifício, com vitórias e derrotas, para que a dignidade e o respeito pela pessoa humana prevaleçam.

Nunca estarão completa e definitivamente garantidas. A sua preservação, a sua defesa e o seu aprofundamento dependem do modo como a sociedade delas se apropria e como as valoriza.

Peça fundamental da herança de abril, temos o Estado de Direto, Democrático e Social.

O primado do direito e a igualdade dos cidadãos perante Lei estão consagrados, assim como a liberdade de expressão, a organização de partidos políticos, indispensáveis à existência da democracia, a eleição dos responsáveis políticos, e independência dos tribunais.

Mas está cumprido abril, nesta matéria do estado de direito e da democracia?

A democracia exige sempre que os democratas a protejam e a aprofundem.

Impõe-se a busca de novos caminhos que alarguem e consolidem a democracia, que reforcem a transparência, que simplifiquem o acesso dos cidadãos à administração e que combatam a corrupção.



1h

Em Almada temos dado passos importantes:

- Na implementação de estratégias de democracia participativa,
- Na audição dos cidadãos relativamente a projetos relevantes,
- Nos orçamentos participativos,
- Na implementação de conselhos consultivos,
- No acesso à informação,
- No empenho do município no processo de descentralização do poder central para o poder local, aproximando dos cidadãos o nível de decisão em matérias fundamentais.
- Na afirmação da inclusão e da tolerância, negando a xenofobia e o racismo, valorizando o papel da mulher e recusando a homofobia.

Vivemos num concelho onde há espaço para todos. Coexistem nesta Assembleia Municipal opções políticas muito diversas, tanto no que respeita ao modelo de sociedade que preconizam como quanto aos valores que afirmam.

Parafraseando Augusto Santos Silva, Presidente da Assembleia da República, a democracia que praticamos só tem como limite o discurso do ódio.

A todos os eleitos de todas as forças políticas, sem exceção, saúdo com consideração e respeito.

Também na vertente social temos dado, no país e no concelho, passos de gigante. Na Educação, na Saúde, na Proteção Social, na Habitação, no combate às desigualdades.

Levamos a sério a implementação do Modelo Social Europeu, o mais elevado paradigma social desenvolvido pela humanidade.

Mas estamos longe de podermos considerar, nestes aspetos, a ambição de Abril cumprida.

Em Almada têm-se feito avanços significativos na afirmação do direito à Habitação, que saudamos, mas apenas foram dados os primeiros passos de um longo caminho que os almadenses exigem e merecem.

Em termos nacionais não podemos deixar de denunciar a desigualdade na distribuição da riqueza produzida, em desfavor gritante dos trabalhadores relativamente aos detentores do capital.

E não podemos baixar os braços no que respeita à educação e à saúde.

O programa do Movimento das Forças Armada organizava-se em torno de 3 eixos, os três Ds.

O D da descolonização, que pôs fim a 13 anos de Guerra em África e permitiu a independência das antigas colónias.

O D da democracia, sobre o qual me debrucei nos parágrafos anteriores.

O D do desenvolvimento, que continua a ser um enorme desafio, no país e no Concelho que, a meu ver, se tem estado a posicionar, em matéria de desenvolvimento económico, de forma ambiciosa e exigente.

É fácil dizer que o D de desenvolvimento continua por cumprir...

Mas eu testemunhei a pobreza dos meus colegas da escola primária, nos anos 60, no Alentejo, que iam descalços de Inverno para a escola.

Sim, há muito para andar, mas o nosso país não tem nada a ver com o que era antes de Abril.

Ao assinalar Abril, como fazemos hoje, estamos a celebrar o passado, mas também, com determinação e ambição, a projetar no presente e no futuro, os seus valores, de liberdade, de igualdade, de solidariedade e de justiça.

Valores de ontem, de hoje e de amanhã.

Viva Almada

Viva Portugal

Viva a Liberdade

Viva o 25 de Abril

5.8 – O Senhor Capitão-de-Mar-e-Guerra Alcindo Ferreira da Silva – Representante da Associação 25 de Abril: "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhores/as Vereadores/as, Senhores/as Convidados, meus Senhores e minhas Senhoras;

Há 48 anos, o MFA – Movimento das Forças Armadas, dava o inicio à operação da viragem histórica com um objetivo muito simples, o de derrubar a ditadura que oprimia os portugueses há também 48 anos.

O apoio e a adesão dos portugueses que desde as primeiras horas, gritaram bem alto, o seu desejo de viver num país livre e mais justo, mostraram logo aos jovens militares, que se tinham lançado nesse empreendimento que estavam no caminho certo e a interpretar os desejos profundos do povo.

Há 48 anos, o Movimento das Forças Armadas, pôs fim a uma guerra injusta e sem sentido, para alcançar a Paz. A Paz, e a Liberdade conquistadas, permitiu que os portugueses avançassem para a construção da democracia.

Há 48 anos, os portugueses viraram a página negra da sua história e assumiram em pleno a cidadania, construindo uma sociedade mais livre, mais democrática, mais justa e mais solidária.

Sonhamos e perseguimos utopias, tivemos êxitos e derrotas, vivemos tempo difícil, sofremos ataques dos inimigos de Abril, que não desistiram de regressar aos tempos passados.

Os democratas uniram-se, em torno da nova Constituição da República, conquista maior de Abril, construir uma plataforma comum que permitiu salvaguardar os objetivos fundamentais do programa do MFA.

Os valores que emergiram nessa madrugada continuam vivos, é neles que teremos de encontrar a inspiração e as forças, para continuarmos a lutar por uma sociedade mais igual, mais justa, mais solidária e participativa.

A progressiva concentração de riqueza nas mãos de poucos, o aumento da pobreza, agravada nos últimos anos pela pandemia e agora pela guerra, a corrupção que debilita a economia e nos envergonha, não podem continuar no país que vive aquela manhã de Abril e que se construiu a partir de então, com base nos direitos da cidadania, da justiça e na persecução dos objetivos de descolonizar, democratizar e desenvolver, contidos no pograma do MFA e acolhidos na Constituição da República.

O futuro vai exigir-nos coragem e determinação para vencermos os desafios que temos pela frente, na defesa da democracia face aos populismos, na defesa de uma economia ao serviço do bem-estar do homem e não da sua exploração, na defesa do Serviço Nacional de Saúde, da educação, nos direitos das pessoas. A luta pelo futuro passa também por exigirmos de nós próprios, uma maior participação na vida coletiva e aos responsáveis políticos maior transparência, o fim da corrupção e dos clientelismos.

Se festejamos hoje a Liberdade e a Democracia, queremos também que a Paz se junte aos nossos festejos e a guerra mais uma vez voltou à Europa, que julgava que esses dramas só se passavam longe das suas fronteiras, no Iraque, na Líbia, na Síria, no Afeganistão e já quase esquecera as mortandades e atrocidades de que foi palco a antiga Jugoslávia nos finais do Século XX.

Esquecemos rapidamente as tragédias vividas e não aprendemos as lições do passado. Mais uma vez, os detentores do poder, na sua ambição de domínio sobre os mais fracos e dos seus recursos, criaram as condições para eclodir na Europa uma nova guerra e todo o seu cortejo de horrores. A principal responsabilidade da invasão da Ucrânia, cabe obviamente, ao agressor neste caso a Rússia.





Numa guerra seja qual for o seu âmbito, exige sempre no mínimo dois contendores. E num mundo globalizado do Século XXI, outros poderes direta e indiretamente, interferem no desenrolar dos acontecimentos perseguindo também eles objetivos próprios. Para nós, então jovens envolvidos numa guerra, procurámos nesse dia 25 de Abril a Paz, um alicerce da Liberdade, da Igualdade e da Solidariedade.

É o que desejamos 48 anos depois desse mesmo dia, a Paz, para Portugal, para a Europa e para o Mundo. A Paz que permitirá a construção de sociedades democráticas, mais livres e mais justas.

Vivemos tempos difíceis, de resistência e de luta, mas também, de esperança, de esperança num futuro de Abril, onde jutos e fraternos, com as novas gerações, nos empenharemos na construção da sociedade do futuro.

25 de Abril sempre

Viva Portugal."

5.9 – A Senhora Presidente da Câmara Municipal:

"Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhores/as Deputados/as Municipais; Senhores/as Vereadores/as, Senhores/as Convidados, caros/as Almadenses;

Foram dias, foram anos a esperar por um só dia. Alegrias. Desenganos. Foi o tempo que doía. Com seus riscos e seus danos. Foi a noite e foi o dia. Na esperança de um só dia".

Esse dia de que fala Manuel Alegre, faz hoje 48 anos. É o 25 de Abril, o dia fundador da nossa democracia, dia em que a vontade de liberdade, de justiça, venceu o obscurantismo. Tudo, graças à coragem e à determinação de uns jovens capitães, que honraram a luta e resistência de centenas de homens e mulheres.

Mas o 25 de abril, não é apenas uma data que se comemora. Ou não pode ser. Em abril são os valores fundadores da nossa constituição que se celebram. Uma constituição que permitiu que Portugal voltasse a ter um lugar digno na Europa e no Mundo.

Celebrar Abril é celebrar todos os direitos desde então conquistados.

Ao nível da Educação, da saúde, da justiça. Celebrar abril é reconhecer tudo o que os serviços públicos, ao longos destes anos, trouxeram de bom ao nosso país e ao nosso povo. Mas é também continuar a lutar por novos direitos. Pois abril é a esperança e a atenção ao outro. É o reconhecimento dos direitos fundamentais. Celebrar abril, é lutar, intransigentemente, todos os dias contra todas as descriminações e injustiças.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados Municipais, Senhoras e senhores vereadores,

Cabe a cada um de nós, enquanto Poder Local Democrático, mas também enquanto cidadão e cidadã viver ao quotidiano Abril.

Hoje celebramos a revolução dos cravos, mas os valores de abril são todos os dias que se defendem. Em casa, nas ruas, nas escolas, no trabalho, em família. Abril é esperança e progresso.

Os valores da Revolução não se defendem caindo no facilitismo da permanente lamentação ou avaliação do passado, seja para o cristalizar ou para o denegrir. A democracia é um processo sempre em curso, um eterno recomeço. Pois importa que todas as gerações, e em particular as mais novas, continuem a sentir o 25 de abril, como um dia fundador. As exigências de Abril não são unas, nem fechadas. Reinventam-se. Lutando contra todas as formas de opressão, contra todo o tipo de abuso de poder, contra todo o tipo de censura.

É graças e por Abril que continuamos a lutar contra as desigualdades salariais e por uma habitação digna. É graças e por abril que a violência doméstica passou a ser considerada crime público, que se permitiu o casamento entre pessoas do mesmo sexo. É graças e por abril que continuamos a lutar por uma real igualdade de género, contra todas as formas de racismo e xenofobia. Foi graças e por abril que aderimos à Europa, como um projeto de paz.

Mas é ainda, inspirados por abril que enfrentaremos os desafios das alterações climáticas e da transição energética. De forma justa e inclusiva. Houve momentos, em que se acreditou que a história era finita. Que seria possível criar sociedades e sistemas de tal modo perfeitos que todos os homens e mulheres viveriam felizes para sempre.

Não é preciso recordar todos os momentos ao longo dos dois últimos seculos, em que se provou ser essa ideia uma utopia.

Os acontecimentos mais recentes mostram bem como todas as conquistas são frágeis.

A Europa vive momentos que acreditava não voltar a viver. Após dois anos de pandemia, uma guerra brutal e cega, um país invadido, milhões de refugiados...

Mas o susto não começou agora. Temos vindo a assistir, talvez incrédulos e passivos demais, um pouco por todo lado, ao ressurgimento de movimentos xenófobos, nacionalistas e retrógrados.

Respiramos hoje todos um pouco de alívio, após o resultado de ontem das eleições presidenciais francesas. Não nos continuemos a iludir se o resultado fosse outro, não seria apenas a construção europeia que estaria em risco. Eram os próprios pilares da nossa democracia. E temos que ter a coragem de perceber o que nos trouxe até aqui. Existe uma fratura social e a criação de campos totalmente antagónicos e irreconciliáveis que alimentam os extremismos e o odio. Neste panorama, o nosso país foi durante muito tempo uma exceção. Mas já deixou de o ser.

É, pois, fundamental que todos os que acreditam e defendem os valores humanistas de abril, se unam para que a esperança, esse acreditar num bem comum não esmoreça. Para que a solidariedade não seja uma palavra oca apenas proclamada e nunca cumprida. Para combater o medo, o fechamento sobre si próprio, a intolerância e a ignorância. Formando maiorias capazes e empenhadas em defender as minorias, os mais frágeis.

Em Almada assim o temos feito. Neste território de muitos não olhamos a etnias, géneros, a classes económicas, a orientações sexuais ou ideologias políticas.

Toda a nossa ação tem sido no sentido de construir um Município mais aberto, mais justo e mais solidário. Onde as questões climáticas e da sustentabilidade estão na ordem do dia. Onde a garantia por uma habitação condigna é uma luta diária. Onde os direitos à saúde e à educação estão garantidos.

Onde os que fogem de uma guerra, que não provocaram, são acolhidos e acarinhados. Em Almada o direito de asilo não negociável, não escolhemos refugiados consoante a cor da pele ou a religião. Mas em Almada também não confundimos invasões com operações militares.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados Municipais, Senhoras e senhores vereadores, Caras e caros almadenses,

Estes dois últimos anos foram, sem dúvida, uma provação para todos.

É com orgulho que vejo que não hesitámos, não tememos. Continuámos a trabalhar e a lutar para que ninguém ficasse para trás. Assim no âmbito da Estratégia Local de Habitação, aprovámos o concurso público realizado para a construção dos primeiros 95 fogos que irão contribuir para o aumento da oferta de habitação acessível. Com a constante preocupação com a mobilidade, a partir de 1 de julho, a Carris Metropolitana irá operar no nosso Município, permitindo mais e melhor acesso para todos, mais carreiras e mais horários.

Continuámos a requalificar o nosso espaço público e terminámos a nossa proposta de Plano Diretor Municipal. A melhoria da qualidade de vida de todas e todos os Almadenses traduz-se, também, num compromisso da autarquia em reduzir a emissão de gases com efeito de estufa. Já cumprimos e até, ultrapassamos a meta estabelecida de 22% de redução prevista. Estamos em 35%.

Sem esquecer os importantes apoios sociais dados a todas e todos os Almadenses que necessitaram.

Permitam-me que, no dia de hoje, reconheça publicamente o trabalho de todas e todos, sem exceção, que na sua consciência enquanto agentes do Serviço Público, foram incansáveis. Aos nossos trabalhadores e trabalhadoras, da camara e dos SMAS.

Uma palavra de agradecimento ao Serviço de Proteção Civil, aos Bombeiros, às Forças de Segurança, aos Serviços do Hospital Garcia de Orta pelo trabalho inexcedível. Também eles cumpriram abril.

Somos agora de novo confrontados com tempos de incerteza. Contrariando o ditado popular, depois da tempestade da pandemia não chegou a vir a bonança. Outra surgiu, sob forma de morte, dor e lágrimas. As suas consequências já se começam a sentir. A preocupação e angustia que muitos de nós sente é palpável, pois sabese como começa uma guerra, mas nunca se sabe como termina.

Mas de uma coisa não podemos duvidar. Se fomos capazes de ultrapassar a primeira, saberemos também enfrentar esta nova tempestade. Unidos na esperança que abril abriu. Na esperança e no amor a esta Almada tão bela quanto justa. Livre e criativa. Solidária e generosa.

Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhoras e Senhores Vereadores, Senhoras e Senhores Deputados Municipais,

Permitam que neste dia tão especial e para terminar, relembre aqui, o Presidente Jorge Sampaio, que sempre esteve atento "aos excluídos do sistema ou das políticas, remetidos tantas vezes a um estatuto de dispensáveis." Cabe-nos a nós, eleitos por um povo livre, nesta democracia que por fim suplantou o tempo da ditadura, cumprir estas palavras. E assim cumprir sempre Abril.

Viva a democracia! Viva Almada! Viva Portuga!! 25 de Abril Sempre!"

- 6 Pelas 10 horas e 15 minutos deu-se por concluída a Sessão Solene Comemorativa do 48º Aniversário do 25 de Abril de 1974.
- 8 Participaram na Sessão a Senhora Presidente da Câmara Municipal, Inês Medeiros, e os Senhores/as Vereadores/as Maria Teodolinda Silveira, José Pedro Ribeiro, Francisca Parreira, Filipe Pacheco, Nuno Matias, Maria das Dores Meira, António Matos, José Luís Bucho de Matos e Fernando Cordeiro Cruz.
- 9 Foi verificada a presença na Reunião de cerca de quarenta e cinco Senhores/as Munícipes.
- 10 Por ser verdade se elaborou a presente Ata que, depois de lida e aprovada vai ser assinada pela Mesa.

O PRESIDENTE

O 1º SECRETÁRIO

A 2º SECRETÁRIA